

## A CORTINA DE FERRO DA GEOGRAFIA NA TRANSIÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS INICIAIS AOS ANOS FINAIS

Antonio Izidro Sobrinho<sup>1</sup>  
Judilene Bento da Costa<sup>2</sup>  
Gisleudo Barros de Sousa<sup>3</sup>  
Edilson Mendes Nunes<sup>4</sup>

### RESUMO

Considerando que a grande maioria dos estudantes que ingressam ao sexto ano do ensino fundamental anos finais apresenta elevado desinteresse/desmotivação pelos conteúdos relacionados à Geografia objetivou-se identificar os diferentes fatores que provocam tal desinteresse. Para tanto, procedeu-se com uma investigação por meio da aplicação de questionários junto a estudantes do quinto ano do ensino fundamental anos iniciais e suas respectivas professoras das duas redes de ensino: escolas públicas e particulares do município de Patos – PB. Neste estudo buscou-se analisar os procedimentos metodológicos utilizados nesta fase de ensino, pois segundo Castrogiovanni (2009) as crianças chegam ao sexto ano sem uma alfabetização geográfica. Desse modo, observou-se que, as professoras apresentam lacunas advindas da graduação nos cursos de Pedagogia que associadas à escassez de materiais didáticos e a uma reduzida carga horária destinada à Geografia têm promovido a utilização de aulas baseadas na mera exposição dos conteúdos o que nos permite considerar que o ensino de Geografia praticado nesta fase ainda é enraizado em métodos muito tradicionais o que não é atraente para esta faixa etária e repercute negativamente na fase seguinte, mais especificamente no sexto ano do ensino fundamental anos finais.

**Palavras-chave:** Geografia, Ensino fundamental, Desinteresse, Metodologias.

### INTRODUÇÃO

A Geografia no ambiente escolar surge com o propósito de promover ao educando uma maior aprendizagem dos fenômenos (sociais e/ou naturais) que o circundam por meio de uma análise crítica relatando suas causas e consequências e a partir daí estabelecer elementos para compreensão do mundo como nos aponta a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) “Estudar Geografia é uma forma de compreendermos o mundo”.

No tocante a funcionalidade da Geografia na Educação Básica esta se enquadra como componente curricular obrigatório de acordo com os documentos oficiais e teve sua importância enaltecida pela BNCC do ensino fundamental aprovada em 2017. Cujá relevância

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [antonioizidro58@gmail.com](mailto:antonioizidro58@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduada em Geografia nas Faculdades Integradas de Patos - PB, [judbentocosta@gmail.com](mailto:judbentocosta@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduado em Geografia nas Faculdades Integradas de Patos - PB, [gisleudoeducgeografia@gmail.com](mailto:gisleudoeducgeografia@gmail.com);

<sup>4</sup> Mestre em Zootecnia na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [edimenu@gmail.com](mailto:edimenu@gmail.com).

se dá na formação de um ser crítico, consciente por meio de sua formação espacial e de um raciocínio geográfico.

Mas, por outro lado, verifica-se que a sua prática “no chão da sala de aula”, no cotidiano escolar a Geografia e os seus atores não têm promovido um amplo interesse na grande maioria dos discentes do ensino fundamental, sobretudo, na transição dos anos iniciais para os anos finais (5º ano para o 6º ano).

Diante disso, este artigo se estrutura em torno do seguinte problema de pesquisa: Quais são os fatores que provocam desinteresse/desmotivação pelas aulas de Geografia em estudantes concluintes do ensino fundamental anos iniciais? Assim sendo, levantou-se as seguintes hipóteses: o desinteresse pelos conhecimentos geográficos, nesta fase de ensino, se dá pelo fato da maioria das professoras do ensino fundamental anos iniciais não ter uma formação sólida em Geografia durante à graduação e nem ter realizado cursos de formação continuada nesta área.

Diante disso, objetiva-se, identificar os fatores que provocam tal desinteresse/desmotivação pelas aulas de Geografia em discentes do ensino fundamental, de modo específico, àqueles que estão concluindo os anos iniciais e ingressarão aos anos finais do ensino fundamental.

Esta pesquisa, por sua vez, foi realizada no município de Patos que pertence a Região Geográfica Imediata de Patos e é uma das quinze regiões imediatas do estado da Paraíba e também consiste em uma das quatro regiões intermediárias do estado de acordo com a regionalização do IBGE em 2017.

Parte-se do pressuposto - através de diversas leituras sobre esta problemática e da prática pessoal em sala de aula - de que a grande maioria dos estudantes que ingressa ao ensino fundamental anos finais apresenta elevado desestímulo pelos conteúdos de Geografia e que tal problema pode está relacionado com as metodologias utilizadas pelas professoras do ensino fundamental dos anos iniciais.

O artigo estrutura-se em seções que perpassam por uma abordagem geral sobre o ensino de Geografia, suas evoluções e crises, mas de forma específica sobre os fatores que geram desinteresse e/ou desmotivação encontradas em estudantes do ensino fundamental anos iniciais que estão ingressando aos anos finais.

## METODOLOGIA

Este estudo se estrutura por meio de uma pesquisa bibliográfica com caráter descritivo através da utilização de livros, artigos científicos, documentos oficiais que fundamentaram esta pesquisa. Esta se deu de forma exploratória onde foi feita uma abordagem quali-quantitativa das informações obtidas. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 104) “Considerando que toda realidade é movimento, e que o movimento, sendo universal, assume as formas quantitativas e qualitativas, necessariamente ligadas entre si”.

Desenvolveu-se uma pesquisa aplicada por meio da utilização de questionários com questões objetivas e subjetivas que foram respondidos por professoras e estudantes de diversos estabelecimentos de ensino do município de Patos-PB - públicos e particulares.

Para aplicação deste questionário utilizou-se a ferramenta do *Google Formulários* disponível em <https://docs.google.com>. A escolha desta ferramenta se deu, por um ajuste necessário na metodologia utilizada, uma vez que a proposta era a aplicação do questionário *in loco*, mas devido à pandemia do coronavírus os estabelecimentos educacionais foram fechados por tempo indeterminado e o ensino está ocorrendo de forma remota.

Por outro lado, a pesquisa ganhou maior amplitude, pois com este modelo de questionário, o número de escolas participantes foi ampliado consideravelmente o que nos dar uma visão maior da problemática a que se propõe analisar. Assim sendo, participaram da pesquisa o total de 50 estudantes do quinto ano e 10 professoras que lecionam no ensino fundamental anos iniciais.

A seleção tanto dos estudantes quanto das professoras participantes se deu de forma aleatória onde os questionários foram disponibilizados nos grupos de *whatsapp* das escolas e estes, de forma espontânea, respondiam. Assim, foi feita uma análise dos dados obtidos que foram disponibilizados em gráficos para uma posterior análise.

## A GEOGRAFIA E SUA ABORDAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

A Geografia, tanto como ciência quanto disciplina escolar apresenta diversos elementos na sua estrutura que são extremamente relevantes para o processo de entendimento das diferentes formas de organização da sociedade atual e, devido a tão grande importância, esta consiste em componente curricular desde os anos iniciais da educação básica.

A Geografia, como ciência da sociedade e da natureza, constitui um ramo do conhecimento necessário à formação inicial e continuada dos professores que têm ou terão sob sua responsabilidade classes das séries iniciais de alfabetização, assim como dos professores das séries mais adiantadas que trabalham com ela como disciplina escolar (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 37).

Depois de consolidada como disciplina escolar obrigatória nos currículos da educação básica brasileira, a Geografia passou por longos e calorosos debates acerca das metodologias utilizadas. Metodologias estas que privilegiavam a memorização dos objetos geográficos (tradicional), tais como, nomes de rios, nomes de estados e capitais, etc. e não se apropriava de uma análise crítica dos mesmos.

A este respeito Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 47) ao citarem Delgado de Carvalho destacam que já na primeira metade do século XX este já criticava o método utilizado na Geografia ao afirmar que a Geografia nomenclatural, que exigia apenas memorização e a Geografia administrativa, que limitava o estudo às divisões políticas dos países e serviam de obstáculo ao desenvolvimento da ciência geográfica.

[...] na década de 60, a aerofotogrametria, antes monopólio dos exércitos brasileiro e americano. Na década de 70, os geógrafos passaram a utilizar, com maior intensidade, a leitura de imagens de satélites que mostravam a cobertura do céu, sobretudo na meteorologia e na climatologia, como documentos importantes nos estudos da dinâmica atmosférica (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 51).

De acordo com as autoras supracitadas os professores que estejam iniciando ou estejam em uma formação continuada devem se dedicar cuidadosamente na escolha das metodologias utilizadas para que as suas aulas se tornem atrativas para os alunos.

[...] há muito, os professores, insatisfeitos com o modelo tradicional e pouco produtivo de geografia escolar e pressionados pela necessidade de ensinar, educar e explicar a realidade que nos cerca, vêm buscando novos referenciais para construir suas aulas. Mas, como enfrentar a estranheza produzida pelos novos ventos da geografia? (OLIVA, 2003, p. 42).

Os questionamentos em torno do desenvolvimento de metodologias para o ensino de Geografia no ambiente escolar são diversos, pois parece um consenso entre os vários estudiosos da área que este enquanto componente curricular precisa ser mais atraente aos olhos dos educandos.

Uma alternativa para o maior interesse dos alunos seria a análise do lugar em que vivem. O lugar foi definido por Pereira (2012) como “aquele ambiente em que as pessoas se reconhecem por se sentirem parte de um espaço detentor de características intrínsecas

produzidas por uma comunidade”. Esta afinidade para com este lugar pode promover no aluno o desejo de entender os fenômenos e fatores que nele ocorrem em busca de possíveis soluções.

De acordo com Almeida e Passini (2010, p. 11) “É na escola que deve ocorrer a aprendizagem espacial voltada para a compreensão das formas pelas quais a sociedade organiza seu espaço – o que só será plenamente possível com o uso de representações formais (ou convencionais) desse espaço”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia para o ensino fundamental propõem um trabalho pedagógico que visa ampliar as capacidades dos alunos de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 75).

A escola, neste sentido, (e em vários outros, ou por que não dizer todos) se configura como sendo a instituição dedicada para abordar os problemas da sociedade onde está localizada em busca de formar um cidadão que atue nela de forma consciente e crítica. De acordo com Damiani (2003, p. 52) “O cidadão se definiria como tal, quando vivesse a condição de seu espaço enquanto espaço social, reconhecendo sua produção e se reconhecendo nela”.

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 13).

Castrogiovanni (2009, p. 14) ainda acrescenta que “Todo o trabalho espacial deve conter o sentimento da provocação dos “porquês”, “para quês” e “para quem”. O “quando” e o “como” são indispensáveis no entendimento do processo”. Em outras palavras, todo trabalho tem que ter um sentido, uma justificativa da sua execução.

Mas, afinal, o que está acontecendo com a Geografia na atualidade (embora saibamos que esse problema já não é tão novo) que não se torna tão atraente para a maioria dos alunos do ensino fundamental? É o objeto de estudo da Geografia? São os professores? São as metodologias? São os livros didáticos utilizados?

No decorrer do Ensino Fundamental, os procedimentos de investigação em Ciências Humanas devem contribuir para que os alunos desenvolvam a capacidade de observação de diferentes indivíduos, situações e objetos que trazem à tona dinâmicas sociais em razão de sua própria natureza (tecnológica, morfológica, funcional). A Geografia e a História, ao longo dessa etapa, trabalham o reconhecimento do Eu e o sentimento de pertencimento dos alunos à vida da família e da comunidade (BRASIL, 2017, p. 355).

Em fim, no ambiente escolar, principalmente no ensino fundamental, há a predominância de vários fatores – sociais, culturais, políticos, pessoais, etc. Entendê-los é um tanto quanto delicado, pois eles se configuram de formas opostas nas diferentes séries/anos, nas diferentes escolas, nos diferentes municípios, etc. algumas vezes agem de forma simultânea e outras de forma isolada. A este respeito, Spósito (2006) destaca:

Primeiramente, destacamos que os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem são, fundamentalmente, o professor e o aluno. A eles, no entanto, somam-se outros elementos que, quando entram em cena, exercem papel ativo nesse processo, que são a escola e o livro didático (SPOSITO, 2006, p. 55).

A prática exercida dentro da sala de aula muitas vezes distorce da teoria abstraída nas faculdades. Neste sentido, Kimura (2010) faz o seguinte questionamento:

[...] De que maneira o professor de Geografia, ator pedagógico, pode ter em mão a orientação e o traçado de seu trabalho? Continuará a divisão entre aqueles que “pensam” (visto que eles elaboram e estabelecem) e os que “fazem” (uma vez que simplesmente executam o que os planejamentos oficiais encaminham e o que os livros didáticos apresentam pronto)? Quer dizer, repete-se aquela antiga dicotomia estabelecida pelo trabalho fabril entre o pensar e o fazer? (KIMURA, 2010, p.81).

O autor supracitado chama a atenção para as práticas adotadas em sala de aula pelos professores ao dividirem em dois grupos: os que pensam, planejam e põem em prática projetos inovadores e os que apenas fazem aquilo que determinam os documentos oficiais que regem a educação nacional.

Então, agora, passamos a questionar os planos de cursos das instituições que oferecem o curso de Pedagogia, pois um questionamento se faz necessário: será que estes neoprofessores estão realmente habilitados para lecionar Geografia? Se sim, será que estão habilitados para todos os conteúdos deste componente? A este respeito, Castrogiovanni (2009) declara:

Pesquisas comprovam que muito dos professores que atuam nas séries iniciais não foram alfabetizados em geografia. As crianças chegam à quinta série (*sexto ano*) do ensino fundamental sem a construção das noções e das elaborações conceituais que compreenderia tal “alfabetização” (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 11).

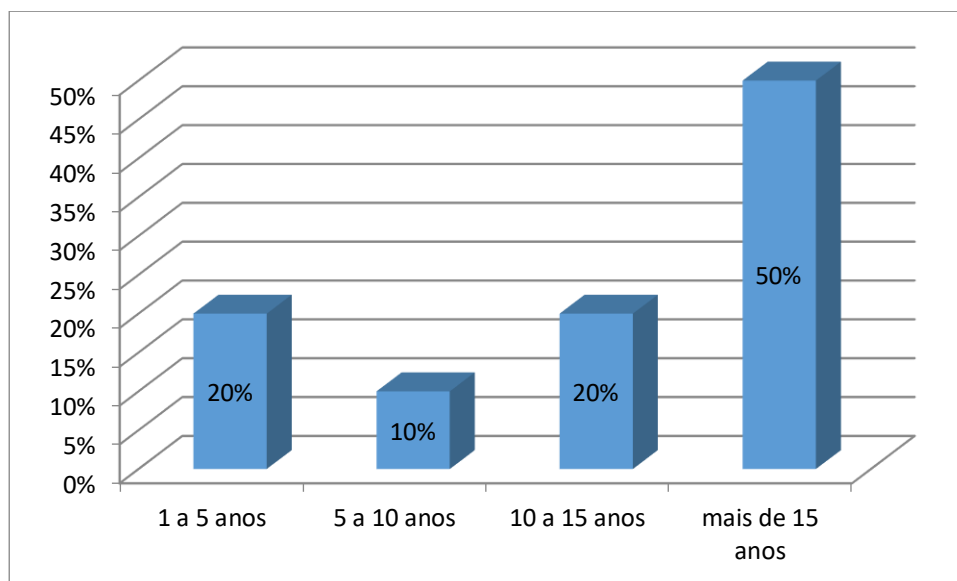


É óbvio que ao afirmar isto o autor supracitado não está apontando como único e exclusivamente como o problema do desinteresse dos alunos pela Geografia aos professores do ensino fundamental anos iniciais, pois é sabido e sentido na pele por muitos professores que atuam, sobretudo, no ensino público que as dificuldades são diversas. Entendê-las não é uma tarefa fácil, porém é extremamente necessário para o processo de evolução da Geografia enquanto disciplina escolar.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos os aspectos profissionais das professoras entrevistadas foi perguntando o tempo em que elas exercem a docência e os resultados mostram que estas possuem vasta experiência profissional, pois 50% têm mais de 15 anos de docência; 20% têm entre 10 e 15 anos; 10% de 5 a 10 anos e 20% com docência de 1 a 5 anos.

Gráfico 1 - Tempo de experiência na docência



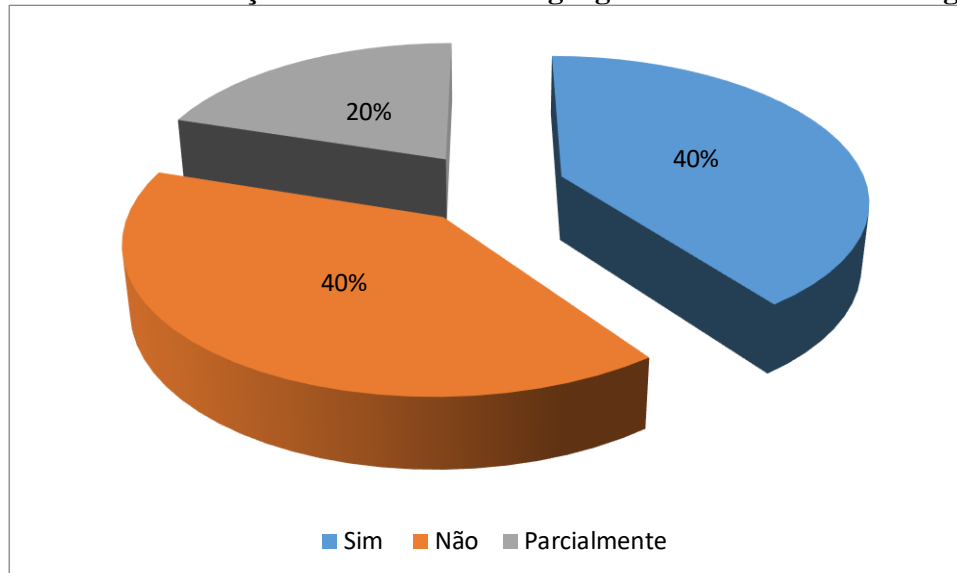
Fonte: Os autores, 2020.

É sabido que para atuar no ensino fundamental anos iniciais a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (9394/96) no art. 63 determina para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, que a formação dos docentes deve ser realizada em licenciatura plena em Pedagogia ou em nível médio, na modalidade normal.

No caso em análise não foi detectado nenhum problema neste sentido, pois todas as entrevistadas (100%) têm graduação em Pedagogia. Algo extremamente positivo é que 30% destas além de serem graduadas em Pedagogia também possuem graduação em outras áreas, tais como, Geografia (10%) e Biologia (20%).

Uma das preocupações que se teve durante realização deste estudo foi de entender se estas professoras estão saindo da graduação com conhecimentos amplos referentes à Geografia. Diante disso, foi questionado se durante a graduação os conhecimentos geográficos foram satisfatórios e obteve-se os resultados apresentados no gráfico a seguir.

**Gráfico 2 – Obtenção de conhecimentos geográficos no curso de Pedagogia**



Fonte: Os autores, 2020.

De acordo com os dados percebe-se que 40% das entrevistadas afirmaram que o curso de Pedagogia atendeu de forma satisfatória no tocante aos conhecimentos da Geografia e o mesmo percentual (40%) responderam que os conhecimentos geográficos foram insatisfatórios. Para 20% das entrevistadas o curso atendeu parcialmente. Se somarmos as que disseram não com as que disseram parcialmente têm-se quase 60% afirmando que não obtiveram os conhecimentos de Geografia como estão necessitando para por em prática nos dias atuais, o que é muito negativo para a Geografia, pois esta é a base onde deve ocorrer a alfabetização geográfica.

Parte-se do princípio de que se as professoras ou a maioria delas apresenta lacunas referentes aos conhecimentos da Geografia advindos da graduação, mas se possuem uma grande carga horária semanal destinada a este componente curricular de certa forma



amenizaria o problema anterior, pois assim as professoras teriam mais tempo para aprimorar, debater, questionar, investigar tais conhecimentos junto aos seus estudantes, teriam assim, uma aprendizagem prática.

Pensando nisso, procurou-se saber o número de aulas semanais que são destinadas ao ensino de Geografia nas instituições de ensino onde lecionam. A partir disto, verificou-se que em 80% das escolas a Geografia está presente em apenas (1) uma única aula semanal – o que é bastante irrisório, diga de passagem, e 20% delas dedicam-se apenas (2) duas aulas semanais.

O espaço dedicado à Geografia é bastante reduzido nas instituições participantes da pesquisa. Mas, diante desta trágica constatação buscou-se entender as metodologias utilizadas por estas professoras e ficou evidente que metade deste tempo reduzido, ou seja, em 50% das aulas utiliza-se a explicação teórica dos conteúdos; em 40% das aulas utilizam-se a exposição dos conteúdos mediante a utilização de slides e apenas 10% delas são destinadas para leituras de mapas. Observa-se que debates e aulas de campo estão fora da realidade analisada, pois demandam maior quantidade de tempo, preparo e dedicação.

Foi perguntado às professoras qual é a maior dificuldade enfrentada por elas no tocante ao ensino de Geografia durante o planejamento e execução de suas aulas. Para 10% delas o maior problema/dificuldade está na reduzida carga horária e para 90% das professoras a ausência de material didático que complemente o livro adotado pela escola (que é muito resumido, uma vez que aborda praticamente todos os componentes curriculares) constitui no maior problema.

A grande maioria das professoras foi além ao afirmarem que o material é escasso e, sobretudo, materiais didáticos referentes ao espaço vivido pelos alunos, ou seja, que retratem o estado da Paraíba e, de modo particular, o município de Patos, pois ao estudar o lugar vivido a transmissão dos conhecimentos se torna mais fácil e a aprendizagem é mais eficaz.

A partir disso, foi solicitado aos estudantes participantes da pesquisa por meio de uma pergunta motivada para que eles indicassem a forma como a Geografia se apresenta para eles e verificou-se que 40% dos estudantes veem a Geografia como sendo muito importante; 20% a classificaram como sendo interessante; 10% como sendo boa; 10% como legal e apenas 20% a veem como sendo ruim. Estes dados nos leva a considerar que a hipótese levantada neste estudo de que a Geografia é desmotivante/desinteressante para os estudantes concluintes do ensino fundamental anos iniciais foi refutada, pois para a grande maioria a Geografia apresenta relevância.

Por outro lado, a hipótese de que as metodologias utilizadas pelas professoras nesta fase de ensino interferem no sentimento de gostar ou não do componente curricular foi comprovada, pois observou-se que os estudantes gostam da Geografia, porém a desmotivação e o desinteresse pelas aulas estão associados as metodologias utilizadas pelos/as professores/as que fazem uma abordagem cansativa, repetitiva e ainda seguindo os preceitos da velha, porém muito presente, Geografia tradicional, basicamente, mnemônica.

Sobre estas mudanças no processo evolutivo da Geografia - Tradicional para a Geografia Crítica - Kaercher (2014, p. 24) chama de “utopia a construir a partir de prática renovada, a partir de maior densidade teórica ou, quimera, algo inexistente e inexecutável, à medida que só se renovou o palavreado”. Mudavam-se os discursos, mas a prática tradicional permanecia/permanece no cotidiano escolar.

Ainda com vistas ao entendimento do olhar do estudante sobre a Geografia questionou-se se estes possuíam alguma dificuldade na aprendizagem dos conteúdos de Geografia e todos (100%) afirmaram possuir alguma dificuldade em conteúdos específicos, sendo que, a larga maioria deles (90%) disse ter dificuldades em conteúdos ligados à Cartografia (escala cartográfica, coordenadas geográficas, leitura e interpretação de mapas) como sendo os “conteúdos vilões”.

As dificuldades apontadas pelos estudantes levam-nos ao entendimento de que as professoras ou a grande parcela delas não teve uma formação adequada durante a graduação no curso de Pedagogia e o mais preocupante é que (90%) destas também não obtiveram uma formação continuada em temas ligados à Geografia para realização de um maior aprofundamento destes conteúdos.

A busca constante pelos conhecimentos por parte dos professores constitui numa necessidade frequente, porém como as professoras que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental são pedagogas e possuem formação generalista não tendo, portanto, muitas condições para um maior aprofundamento em todas as áreas onde atuam e acabam privilegiando áreas mais específicas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise da bibliografia utilizada infere-se que os autores apontam a necessidade de uma mudança metodológica nas aulas de Geografia por parte dos professores para que ela se adeque as realidades do mundo atual, ou seja, se torne verdadeiramente crítica

e atraente para os educandos, principalmente para os que estão iniciando a alfabetização geográfica.

Diante do estudo de caso realizado verificou-se que os cursos de Pedagogia realizados nas instituições de ensino superior onde às entrevistadas fizeram sua graduação não contemplam ou contemplam parcialmente os conhecimentos geográficos necessários para sua abordagem nas séries iniciais.

Percebeu-se também que há uma reduzida carga horária disponível para a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental que muitas vezes emperra o processo de ensino-aprendizagem deste componente curricular, uma vez que as professoras se limitam a utilização de metodologias que não promovem a curiosidade, a busca da descoberta, pois predominam as aulas explicativas/expositivas.

A hipótese inicial desta pesquisa foi refutada ao longo do estudo de caso, pois verificou-se que se a grande maioria dos alunos ver a Geografia como muito importante, porém ao ingressarem no ensino fundamental anos finais demonstram grande desinteresse/desmotivação.

As metodologias tradicionais utilizadas associadas a ausência de materiais que retratem o espaço vivido por eles têm provocado tal desinteresse, uma vez que estes não se sentem parte integrante do que se estuda na maioria dos conteúdos, ou seja, os professores não realizam os princípios da Geografia, tais como o da analogia e da conexão.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.D. e PASSINI, E. Y. **O Espaço Geográfico: Ensino e Representação.** 15 ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010, pag. 12.

BRASIL. (1996). Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União. Brasília, DF, 134(248), p. 27833-841, 23 dez.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: \_\_\_\_\_ (Org.) **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão regional do Brasil.** Rio de Janeiro: RJ. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2100600>  
Acesso em: 27 mar.2020.



KAERCHER, Nestor André. **Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a Geografia crítica.** 3ª ed. Porto Alegre: EVANGRAF, 2014.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico:** questões e propostas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAKATOS, Eva Maia; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5ª ed. – São Paulo: 2003.

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de Geografia: um retardo desnecessário. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.) **Geografia na sala de aula.** 5ª ed. São Paulo, Contexto, 2003

DAMIANI, Amélia Luisa. A Geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.) **Geografia na sala de aula.** 5ª ed. São Paulo, Contexto, 2003

PEREIRA, Robson da Silva. **Geografia.** Márcio Rogério de Oliveira Cano (coord) São Paulo: Blucher, 2012. –(Coleção a reflexão e a prática no ensino, 7).

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei . **Para ensinar e aprender Geografia.** 3ª ed. - São Paulo: Cortez, 2009.

SPOSITO, Eliseu Savério. O livro didático de Geografia: necessidade ou dependência? Análise da avaliação das coleções didáticas para o ensino fundamental. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **livros didáticos de Geografia e História:** avaliação e pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.